

Guilherme Alves

Organização

Coletânea  
*Litere | se*  
Poesias



coletânea

# Litere | se

poesias

Guilherme Alves  
Organização



Realização



Apoio



**ENCONTRO DE NARRATIVAS**  
[encontrodenarrativas@gmail.com](mailto:encontrodenarrativas@gmail.com)

Todos os direitos reservados.

COORDENAÇÃO EDITORIAL:  
Guilherme Alves

CAPA E ILUSTRAÇÃO:  
Lucas Limaciel

REVISÃO E PREPARAÇÃO:  
Jonihelder Ferreira

DIAGRAMAÇÃO:  
Claudemir Carlos

**JÚRI DO LITERE-SE: CONCURSO LITERÁRIO DOS INHAMUNS**

Guilherme Alves – Organizador do concurso e representante da Cia. Artes Cínicas de Teatro

Robson Cavalcante – representante da Academia Tauaense de Letras e Escola Livre de Teatro dos Inhamuns

Regina Stella – Professora de Língua Portuguesa e representante da Associação Arte Jucá



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Coletânea litere-se [livro eletrônico] : poesias /  
Guilherme Alves, organização. -- Tauá, CE :  
Encontro de Narrativas, 2022. -- (Coletânea  
litere-se)  
PDF

ISBN 978-65-994051-3-6

1. Poesia brasileiros - Coletâneas I. Alves,  
Guilherme. II. Série.

21-96649

CDD-B869.108

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Antologia : Literatura brasileira  
B869.108



# sumário

<b>apresentação</b> .....	5
<b>poesias regionais</b> .....	6
ares .....	7
humanidades .....	8
era tempo .....	10
o triste início da revolução .....	11
[sem título] .....	12
outroeu .....	14
o mundo pós-pandemia.....	15
<b>poesias nacionais</b> .....	17
mãos .....	18
a veloz pós-pandemia .....	19
soneto para o próximo abraço.....	21
[sem título] .....	22
o mundo pós-pandemia.....	23
litere-se.....	24
onde esse mundo vai parar? .....	25
brasileiro! .....	26
nenhuma tristeza será maior que nossa alegria .....	27

o mundo pós-pandemia.....	31
sentimentos pós-pandemia .....	32
o amanhã.....	34
clausura .....	35
a máscara .....	37
avisa que o “fim do mundo” findou .....	38
quando passar.....	40
futuro pós-pandemia .....	42
o novo habitante global .....	43
pandemia em verde, azul e amarelo .....	45
sequelas da pós pandemia .....	46
[sem título] .....	48
o depois .....	49
o mundo pós pandemia .....	50
planeta pós pandêmico .....	51
pandevida.....	53
vida pós pandemia .....	55
a noite das máscaras rubras.....	57
quaresmeira do bom viver .....	58
depois do depois.....	60
o retorno .....	61
viver [...] lutar .....	62
a flor do capital.....	64
[sem título] .....	65

a pandemia e o amor.....	66
covid-99 .....	67
quase gênese .....	70
o cântico da peste.....	72
terra arrasada.....	74
adeus mascaras .....	75
transvirtuação .....	76
o mundo pós-pandemia.....	77
necessidades .....	78
quarentena .....	81
pare e pense! .....	82

# apresentação

Incentivar a escrita e a leitura faz parte dos nossos propósitos!

No Brasil, milhares de pessoas estão, dia após dia, escrevendo, criando, contado, inventando e reinventando narrativas que ajudam a compor a história do nosso povo através da literatura.

Pensando sobre isso, o *Litere-se: concurso literário dos Inhamuns*, realizado por meio de uma parceria entre a Escola Livre de Teatro do Inhamuns – ELTI, através do Associação Arte Jucá, Cia. Artes Cínicas de Teatro e Academia Tauaense de Letras – ATL, selecionou, durante o ano de 2020, contos e poesias de diversos escritores e escritoras Brasil afora, provocando-os a refletir, através desses dois gêneros, sobre o período de pandemia do Covid-19.

— *Como cada escritor(a) estava vivenciando esse momento histórico da humanidade?*

— *Como registrar esse momento na nossa literatura?*

As respostas para essas indagações estão disponíveis neste e-book, em forma de poesias, que emocionam e nos leva a refletir sobre nossa efemeridade.

Convidamos você, leitor(a), a degustar e divulgar este conteúdo. Aprecie novos escritores(as) e exercite a leitura!

**Guilherme Alves**



## poesias regionais



## ares

Agora somos só crianças  
Aprendendo a andar novamente  
Ainda com medo de cair

A natureza  
Perplexa e estagnada, ante o uso de seus recursos  
Voltou a respirar, depois que a humanidade tossiu  
O céu se abriu, a flor desabrochou, o peixe não mais boiou

O valor da vida agora  
Importa mais que o da bolsa

Amor, já moribundo, deixou de ser quinquilharia  
Bateu-se o pó

A cultura, virou amiga caseira,  
e anda exuberante,  
Música, cinema, dança, teatro,  
Se tornou arroz e feijão no prato  
Alimento de todo dia.

Sobre as cicatrizes, gênese ou Apocalipse  
**a.P.** e [**d**]epois da [**P**]andemia.

# humanidades

A humanidade despertou  
Num mundo meio diferente  
Aprendeu que viver  
É uma dádiva do presente  
O que vale no agora  
É demonstrar o que sente

A humanidade aprendeu  
Valorizar os abraços  
Pois agora entende  
Mesmo em meio a pedaços  
Que a dor fica mais leve  
Quando fortalece os laços

A humanidade entendeu  
O valor de um amigo  
Presenciou a dor  
De não ter um abrigo  
E não ter pra onde correr  
Quando se estar em perigo

A humanidade mudou  
Agora reina a fraternidade  
Reina fazer o bem  
Reina a solidariedade  
Reina o verdadeiro amor  
E reinará a igualdade

Despertando e aprendendo  
Entendendo e mudando  
A humanidade vai seguindo  
Sempre se transformando  
No agir e no pensar  
Com o novo caminhando

## era tempo

Eu precisava sair. Sentir a estratosfera da vida. Sentir o abraço raso da minha seda. Acender e passar para meus amigos a positividade de viver a vida.

Agora como um milagre santo, ganhando o mundo pela vida a fora; revigorado e revigorando tudo, através do meu canto fúnebre aureolado. Uma poesia mística que se fez rir e chorar, de alegria e dor, de amor, e no entanto de um encontro único que se fez espanto de uma luz intensa que do céu brotara com uma voz imensa, d'onde não se ouvia nada e nem luz se via, e não era nada, aos olhos de quem não percebia, que me veio em um reencontro com a arte de ser no mundo.

Foi nesse dia, que abismado fiquei, mas quem não ficaria? E com um sorriso calmo eu caminhei, pois eu não temia. Via a luz nos meus olhos e me acurava dessa dor, desse vírus que ao homem aplacou, e o fazia isolar-se de todos, de tudo, da vida e do mundo.

# O triste início da revolução

Os dias eram estranhos, não, não, não era ditadura, pelo menos não como conhecemos, não era guerra, não, pelo menos não como conhecemos. Era estranho, as relações estavam cada vez mais líquidas e o ápice chegaria em breve, sabíamos que chegaria, mas não, não foi como esperávamos, não foi um evento grandioso, foi sorrateiro, começou aos poucos, começou distante, começou sombrio, em poucos dias um país inteiro, um continente todo, logo assim como numa mágica o mundo estava louco, pessoas trancadas em casa, abraços tinham se tornado armas letais, o toque, o beijo agora eram sentenças. Em um mundo tão dividido e egocêntrico, agora essas manias de si mesmo, viraramescudo, proteção contra o mal que assolava nossos dias. Mas não, não sucumbimos seguimos o poeta nordestino que falou "O amor é ato revolucionário". E a revolução foi feita, vencemos, estamos aqui, contamos e recontamos a história, agora abraçamos mais que antes, tocamos e sorrimos como poucas vezes fazíamos antes, é...A revolução foi feita, não como queríamos, porém hoje somos o que deveríamos ser antes do terror.

## [sem título]

Depois que as portas se abriram  
O mundo tava mudado  
Essa maldita Pandemia  
Deixou-nos de aprendizado  
Que **amar** importa mais  
E que diferença faz  
Se eu amar e não for amado?

A pandemia mostrou  
A falta que o toque faz  
Que a distância dói no peito  
Saudade machuca de mais.  
Assim que as portas se abriram  
As pessoas já sentiram  
Os benefícios que o amor traz.

Largaram um pouco o celular  
Voltaram a segurar na mão  
Fazia tempo que não davam  
Um abraço com o coração  
Há tempos que não se via  
Mesmo antes da Pandemia  
Essa real conexão.

E foi passado o recado  
Pra um mundo diferente  
De gente que sabe amar  
Gente que gosta de gente

Gente de toda cor  
Enxergou força no amor  
E ninguém mais foi carente.

# outroeu

Habitamos um novo tempo  
es-cre-vendo cor-ações.  
Eis que a verdade é essa:  
crer que somos,  
além de tudo,  
versos  
escritos por si  
em ação do outro  
tela pintada  
tela rasgada  
um[a] cor-ação  
singular  
pulsante  
plural  
es-cre-vendo o si  
sendo outro  
encontro de cor-ações



# *o mundo pós-pandemia*

Vim compartilhar com vocês  
O que me aconteceu,  
Tive um sonho e vou contar  
Tudo o que lá ocorreu  
Era mais do que real!  
E assim se sucedeu:

O corona era curado  
A quarentena acabava,  
os amigos se reuniam  
A família se abraçava,  
Até a criança mais quieta  
De alegria pulava.

Tudo era diferente  
E ao mesmo tempo normal,  
O emprego ficou bom  
A família mais legal,  
Todo mundo desfrutava  
Do amor puro e leal.

A feira no meio da rua  
Voltou a todo vapor  
"Quanto é que tá o feijão?"  
Pechichava o comprador  
E se o ouvia o forró  
Da bandinha do cantor.

Ninguém mais nem se lembrava  
O que era isolamento  
Todo mundo bem pertim  
Com o mesmo sentimento  
De gratidão ao Senhor  
Pelo fim do sofrimento.

Ter gripe não preocupava,  
Espirrar era normal  
O medo tinha acabado  
Da tal doença viral  
Todo mundo vacinado e protegido do mal.

Foi aí que acordei  
E chorei de emoção,  
Pois percebi o valor  
Do amor de coração  
Muito mais puro e singelo  
Que a mais bela canção.

Aprendi a dar valor  
Ao que realmente importa  
O abraço, o beijo, o carinho  
Aquele amor que conforta,  
Pois sabemos que esse amor  
Tudo pode, crer e suporta



poesias nacionais

# mãos

Houve o tempo do isolamento.

Minhas mãos plantaram coentro na sala de estar, num dos sábados minha coluna esticou pra destelhar o teto. Sinto até agora a lambida do sol, nas minhas costas amareladas.

Isso diz sobre amor e escuta adiante.

adotei uma cachorra que come coentro verde quando acorda, desde novembro de dois mil e vinte, ela atende por Belinha.

Belinha Filha da Mãe.

# a veloz pós-pandemia

Seres humanos ou não

Tempo

Pós-Pandemia

Vidas recuperadas

Amor confirmado

Presença

Isolamentos extintos.

Aproximação digital

Mundo conectado

Afazeres mecanizados

Conexão sentimental

Evolução do vírus do amor

Reascensão

da aproximação corporal

da plataforma carnal.

da eletricidade virginal

dos anseios laborais

Cinzas

Reajuste

Recomeço

Reviver

## soneto para o próximo abraço

Nos dias primeiros eu estava alheia  
O mundo girava e eu estava a sorte  
A caixa preta da sala que alardeia  
Reverberava sobre a iminência da morte

Minha cabeça viveu cheia  
As notícias eram como faca de corte  
A voz da minha mãe dizia “creia!”  
E eu só queria agarrar-me em um aporte

Sem saída para dançarmos  
Sem os risos dos irmãos  
A solução foi nos ilharmos

O que desejo é eu e você são  
Não para nos salvarmos  
E sim para darmos as mãos

## [sem título]

Em constante isolamento,  
Entre paredes e paredes,  
Me sinto como móvel da casa.  
Às vezes como armário,  
Guardo um monte de treco no interior.  
Às vezes como um jarro,  
Supérfluo, despercebido no ambiente.  
O que eu não queria ser mesmo  
era um guarda-roupa. Já pensou?  
Guardar mofo e esperar que  
um dia alguém me arrume.  
Preferiria ser um pires.  
Não para ser um meio termo,  
Mas para servir de base,  
Impermeabilizar o calor.  
Outras vezes, me dou conta  
que sou toda a casa.  
É necessário fazer mudanças.  
Me torno corpo partida.  
As partidas cansam  
e muitas vezes são indesejadas.  
Prefiro ser corpo chegada.



# *o mundo pós-pandemia*

Esse vírus antiamor  
No mundo só fez maldade  
Assaltou nossa alegria  
Causando ansiedade  
Nos privou da diversão  
Bem-estar e liberdade.

Assassino a sague frio  
Minúsculo, voraz, ligeiro  
Com seu domínio terrestre  
Só teve lucro o coveiro  
Ao Rei dos Reis nós pedimos  
Saúde pro mundo inteiro.

O mundo parou uns meses  
E viu o mundo parar  
Mas logo nós voltaremos  
O nosso irmão abraçar  
É questão de pouco tempo  
Pra tudo isso passar.

# litere-se

“O mundo pós pandemia”

A falta do teu afago  
me faz companhia  
as fotos que eu apago  
me tiram a sintonia

O aperto do abraço  
vai ser cheio de empatia  
a companhia vai ser um presente  
do alguém que esteve ausente

depois dessa pandemia  
nada mais será como foi  
nada que foi será mais novamente  
e o novo vai ser latente

a presença será sentida  
os abraços intermináveis  
e o até logo caloroso

eu só sei que  
depois dessa pandemia  
o dia do abraço  
vai ser todo dia

# onde esse mundo vai parar?

Indagávamos todos  
Em um arfado respiro  
Ê mundão, onde vai parar?  
É possível?  
Pode ele sossegar?

Sossego não é bem a palavra  
Quando se perde o afago  
De respiros preciosos  
Quando o toque se faz ausente  
O silêncio mais presente

E a frequência sonora  
Não é mais familiar como de costume  
A companhia aconteceu distante  
E agora?

O reinício ou o novo início  
Como a embreagem que enferrujou  
Desperta a vontade de fazer  
Fazer logo o que dá saudade

A primeira saudade sentida  
Será agora incubida  
De amiudar a carência  
Do gostoso com frequência

# brasileiro!

A pandemia que escancarou  
um Brasil desigual.

Onde quem é rico faz festa onde o pobre passa mal  
pela falta de saúde moradia ou alimento.

Eita! esqueci da máscara e do álcool gel  
ainda bem que o governo é fiel ao povo trabalhador brasileiro.

E pensando nisso liberou auxílio,  
para tapar os buracos dos roubos passados  
de um país onde o sistema pode ser violado.

Vacina até o Natal? Carnaval?

O Brasil nunca mais será igual depois da gripezinha que parou o  
país, mas o povo da terra da luz é guerreiro  
e trabalhador.

Independente da dor,  
iremos viver, sorrir e sambar.

A pandemia que tirou muitas vidas

Nunca tirará

NOSSA ESSÊNCIA!

# nenhuma tristeza será maior que nossa alegria

Poderia aqui descrever  
Como será a economia,  
A educação, o trabalho,  
O raiar de cada dia...  
Mas afirmo com certeza  
Que não haverá tristeza  
Maior que nossa alegria!

Entendo que no pós-pandemia  
O mundo precisa festejar,  
Esquecendo as coisas ruins  
Que vieram nos afastar.  
Então, de forma divertida  
Celebraremos nossa vida  
Sem sequer desanimar.

Faremos depressa uma festa  
Embalada pela emoção  
Onde a música mais animada  
Será o bater do coração,  
Matando a velha saudade  
Que amargurou de verdade  
No tempo da aflição.

O local dessa festança  
É um velho botequim,  
Onde será decorado  
Com o mais caro cetim.  
E se não houver batucada  
A dança será embalada  
Pelo toque do tamborim.

Tiraremos do armário  
Nossa roupa preferida,  
Aquele que pouco usamos  
E está quase escondida.  
Se o sapato for apertado  
Pedimos outro emprestado  
E seguimos, feliz da vida!

Não importa o dinheiro  
Ou a roupa de primeira  
O importante é ser feliz  
E cair na brincadeira.  
Ecoando pela cidade  
O grito de liberdade  
Da nossa raça costumeira.

Logo na entrada da festa  
Terá um cartaz escrito assim:  
“Agradeça pela vida  
E aproveite até o fim.”

Os olhares fascinados  
Seguirão admirados  
Com a recepção do festim.

No salão não terá espaço  
Para tanta gente dançar,  
Será preciso tomar as ruas  
Para a festa começar.  
E com muita simplicidade  
A nossa “feliz cidade”  
Voltará a brilhar.

A alegria do reencontro  
Será o momento mais esperado  
Com a família e os amigos  
E um chamego exagerado,  
Enaltecendo que a união  
É a melhor recordação  
E o que será perpetuado.

Quando o dia amanhecer  
Vamos querer atrasar o ponteiro  
Para dançar a última música  
E dar o abraço derradeiro.  
Mas um novo tempo se descortina  
É preciso seguir a sina  
De ser otimista e guerreiro.

Após essa festança

Voltaremos à realidade  
Dando muito mais importância  
Ao afeto, a simplicidade...  
E como um renascimento  
Faremos de cada momento  
Uma nova oportunidade.

Quem sabe, eu e você  
Poderemos nos encontrar  
Numa festa bem animada  
Depois que tudo passar,  
Transformando essa poesia  
Em sinônimo de alegria  
E resistência popular!



# *o mundo pós-pandemia*

O mundo é tão imenso que numa mão não se cabia,  
Automóveis, bicicletas, skates e patins, até pelos pés, a gente seguia,  
O sol diminuiu, o sol diminuiu o seu espaço, nos poucos raios que na pele ardia,  
Do agito ao silencio, a boemia e a noite se tornaram muda e calma,  
O afago de um abraço será muito  
Perseguido, mas ainda tardia,  
A moda que no tempo se molda, vem com uma tapa rosto e não é folia, os tempos já são outros e acredito que por  
Um bom tempo ainda,  
E se não aprendermos com os erros,  
Seremos só dígitos na realidade da  
Tecnologia

# sentimentos pós-pandemia

Depois de vivenciar esse momento viral  
Nem um dos nossos sentimentos  
Irá permanecer igual.  
O sentimento de gratidão do abraço que é morada  
Do carinho, da presença, do poder de dar amor  
E se deixar ser amada.  
O sentimento de cuidado  
Com o nosso corpo-casa  
De entender que a nossa saúde  
Principalmente a mental  
Deve ser priorizada.  
O sentimento de revolta  
Pelo Brasil ainda ser um País tão desigual  
Em que muitos não tem teto  
Refeição, nem acesso ao hospital  
Um País que não pensa em um sujeito real  
Que vive em condições mínimas  
E tem que se preocupar  
Se o seu ensino ainda será presencial.  
O sentimento de tristeza  
Pela violência diária  
Que tantas mulheres sofrem  
Dentro da sua própria casa.

O sentimento de mudança de modo tão visceral  
De entender que olhar pra si é importante  
Mas que olhar pro outro também é essencial.

# o amanhã

No Amanhã  
A pandemia deixará ausências  
Ausência de gente  
Ausência de hábitos  
Ausência de Ausência  
Amanhã será decretado o retorno do abraço  
O Fim da Espera  
O sorriso sem máscara  
Amanhã não terá presidente genocida  
Porque estaremos mais politizadas  
Humanizadas  
Amanhã teremos o que comer  
Porque o povo estará no poder  
O poder que compartilha  
E não escraviza  
O poder que não nos mata a bala  
Para estarmos no mundo  
O Amanhã é uma utopia  
Que nos permite sonhar  
Com o Depois da pandemia.

# clausura

Não existem mais Sábados  
Nem domingos  
Não ouço mais "sextou"  
Nem "segundou".

O tempo...O tempo parou!

O mundo está nas janelas  
E nas telas do celular, da TV  
Ninguém mais se vê  
Se toca. se abraça, se beija  
Não existem mais pessoas  
Só imagens, só lembranças  
Só saudades

O que sobrou?  
Um fio  
Tênuo, frágil  
De esperança  
De que um dia  
Vou sair por essa porta  
Vou ver o jogo do meu time  
Vou correr na rua  
Vou ver gente  
Abraçar, beijar  
E sorrir

Depois da clausura  
Não tem mais sentido  
Não amar

## a máscara

Quem poderia imaginar?  
Quem poderia adivinhar?  
Que nós, cearenses  
Passaríamos o dia de máscara!

Só se via japoneses com ela  
Grudadas em seus rostos  
Como se outro rosto fosse  
E cá estamos nós, de máscara!

A tia da tapioca a usa pra vender  
O tio da mercearia a usa pra comprar  
E há ainda os que a vendem  
Contudo, estamos todos, de máscara!

Quem sabe com o fim desses tempos sombrios  
A deixemos de usá-la,  
Ou quem sabe ela agora fará parte  
De nossa indumentário, ela A MÁSCARA!

## avisa que o “fim do mundo” findou

Uma palavra: desejo  
de paz, serenidade, leveza,  
de matar a saudade, constante nestes tempos pandêmicos.  
O que é viver hoje? É lidar diariamente com a morte.  
É dormir e sonhar com mortos, caixões empilhados, sistemas de  
saúde em colapso  
É também ver a miséria no mundo aumentando,  
É acordar e ver estatísticas, apatia de governos,  
É um “e daí?” constante.  
Ainda assim, tenho desejos  
E esses desejos têm força, pois são plurais,  
Queremos voltar a nos abraçar,  
deixar nossa epiderme respirar livremente sem máscaras,  
fazer novamente nossas aglomerações,  
tumultuar bares, dividir copos.  
Há luto pelos que perderam seus amores...  
Estamos cheios das/nas nossas caixinhas.  
Expectativas de melhoria nos corações humanos? Reza a lenda.  
O político não para de superfaturar,  
o dedicado cientista sem verba e sem respeito.  
Procuro tais mudanças, mas, se existem, devem ser like vírus que  
assombra o mundo,  
invisível.  
Ainda assim, reluto em ter esperança  
E é a arte que me salva  
A redentora arte literária com suas quimeras  
Sinto leveza, desejo de paz, de estar tranquila com meus pensa-  
mentos,



Ainda tenho escolhas  
assim, escolho levantar da cama e viver mais um dia, escolho ser  
luz,  
Embora eu não consiga burlar a ansiedade de que esse “fim do  
mundo” vivido no planeta  
Caos passe logo  
Mesmo trancada em minha torre de marfim, escutando Debussy,  
não consigo impedir que  
essa ansiedade me atordoie.  
Ao lado da cama, pego a caneca estampada - Lygia Fagundes Tel-  
les - e tomo café,  
o gosto meio amargo impregna na língua,  
eu esperava senti-lo docinho, afinal, sempre esperamos, mas o  
que se tem é o amargo...  
se é assim, me adapto ao amargo  
Resiliência... Puxando o tapete para que dias ensolarados che-  
guem  
Abro a janela, as nuvens negras se foram, o sol abriu e, lá na  
frente, dança exibido um arco-  
íris me mostrando novas cores  
Avisa que o “fim do mundo” findou  
E um novo tempo começou.

# quando passar

Quero a vida bem viver  
Quando esse tempo passar  
Evitar sempre sofrer  
Poder a todos abraçar  
E distribuir amor  
Para esquecer a dor  
E o mundo melhorar.

Chorar menos, cantar mais  
Do outro melhor cuidar  
Reclamar de tudo jamais  
Ver o mundo com outro olhar  
Provocar felicidade  
Cultivar fraternidade  
Ser condutora da paz.

Com todo o corpo sorrir  
Andar mais que correr  
Chegar mais que partir  
Mais poemas escrever  
Valorizar os idosos  
Dar abraços calorosos  
O melhor sempre repartir.

Saber que o tempo é curto  
E aproveitá-lo bem  
Sem nunca provocar furto

Na alegria de alguém  
Não causar humilhação  
Viver cada emoção  
E jamais entrar em surto.

Quando isso tudo passar  
Espero que a humanidade  
Possa melhor utilizar  
Toda a sua liberdade  
Pra se conduzir melhor  
Para um bem maior  
Com toda a fraternidade.

# futuro pós-pandemia

No contexto da rotina desgastante,  
Inerte, o homem avilta habilidades.  
Esquece o quanto a vida é mutante.  
Com o inesperado, amarga dificuldades.

Do sofrimento à clarividência,  
Percebe a vida em cada instante.  
No pós-pandemia, a boa ciência,  
Nascida da adaptabilidade constante.

Futuro? Professor, escola, instrução,  
Saber técnico, tecnológico,  
Agricultura de subsistência para o pão.

Enfrentamento sem prejuízo psicológico,  
Higiene de corpo e de alma, saneamento.  
Alerta, prontidão e união, eis o juramento!

# o novo habitante global

Todo o novo assusta e é pra assustar mesmo  
Funciona como agente de ação-transformação-ação.  
Toda mudança importante começa de dentro pra fora  
O que vai mudar em nós vai mudar o mundo.  
Quantas batalhas dentro e fora de nós mesmos  
Estamos todos os dias a enfrentar?  
São nossos sonhos e desejos que nos vestem  
De grandeza, de beleza, de amplitude  
E que fazem a gente se superar.  
Somos todos habitantes globais, em que somos diferentes?  
Pensando bem, nada nos diferencia um do outro  
Somos da mesma espécie homo sapiens.  
A nossa grande riqueza é a vida que nos foi dada  
Com toda sua grandeza, fragilidade e inteligência humana.  
O inimigo invisível nos nivelou como espécie frágil e vulnerável.  
Mostrou-nos que também é habitante desse mundo globalizado.  
Desafiou-nos a inteligência, a ciência e a tecnologia.  
O Covid-19 tornou visível a olho nu que não temos de super-heróis  
Que não estamos preparados para o futuro.  
A pandemia foi uma renovação e um grande aprendizado.  
Cuidar de si é obrigatoriamente cuidar do outro,  
Pois sem o outro, o outro não terá razão para existir.

Pós-pandemia pessoas fortalecidas, solidárias,  
Mascaradas, conscientes, agentes de transformação.  
Mas com MUITO medo dessa tal GLOBALIZAÇÃO.

## *pandemia em verde, azul e amarelo*

O (des)governo bradou “respeitemos a Constituição”,  
mas juntamente com o vírus constituiu feridas ainda não cicatriza-  
zadas em um país que faltou humanidade e altruísmo.

Números nos dizem que vencemos.  
Festejamos com abraços, mas  
a dor da população que sempre viveu em isolamento econômico  
e em uma interminável quarentena aos olhos do governo,  
lamuriando seus mortos,  
retiram a máscara das estatísticas, sem ninguém para abraçar.

O singular país que enfrentou uma pandemia sem presidente,  
festeja a vitória contra o trágico COVID-19  
em um carnaval fora de época,  
apesar de ainda usar máscaras para não sentir  
o cheiro deixado pela  
desigualdade social.

# sequelas da pós pandemia

E sem esperarmos, tudo mudou  
O isolamento social falou mais alto  
O jogo virou, estaca zero!  
Tudo tão incerto  
A vida se mostrou incerta!  
Pandemia que colocou a vida em risco  
E com ela ficou claro que nesta terra  
Ninguém absolutamente  
é melhor que ninguém!

Nossas perspectivas em jogo  
Classe, raça, orientação sexual, ideologia?  
Ninguém foi imune  
Não adiantou fugir,  
Todo foram sujeitos!  
As diversas tecnologias  
Foram bálsamos das relações afetivas  
Pois o abraço, o beijo, o apertar de mão,  
Foi um ato de reserva, de proteção!

A humanidade esfriou!  
Se esgotou!  
Ficou escassa!  
O egoísmo e a sagacidade de pensar  
Muitas vezes, no próprio eu  
E nunca no outro  
Por um instante, foi rompida!



A empatia em palavras  
Não adiantou se não foi vivida.

Uns riram, outros choraram,  
Outros se foram.

O que há de certo, pós tudo isso,  
É que nada será como antes.

Covid-19, alerta para amarmos mais,  
A nós e ao outro.

## [sem título]

A noite canta silenciosamente  
uma canção da solidão

As pessoas em máscaras,  
agora nas ruas  
todas sem sorriso, sem toque, sem coragem  
todas sem se tocar.

Quando a noite caiu  
ficamos em casa;  
Presos e isolados,  
sem alma e sedentos pelo Sol  
E quando finalmente achamos que podíamos sair  
descobrimos que estávamos presos em nós mesmos.

A noite caiu e durou  
devastadora, fatal  
e trouxe a solidão consigo.

Mas é nos olhos uns dos outros,  
nessas janelas da alma  
que conseguiremos ver a nossa manhã.

## o depois

A preocupação sobre o depois adia o dia.  
Também é como se fosse uma espécie de vírus,  
a contaminar de expectativa cada coisa,  
até mesmo as mais simples, inclusive a morte.

A preocupação sobre o depois atrasa o verso,  
pois ficamos esperando que nos venha o melhor deles  
(o mais sincero) porém cada palavra dura um instante,  
mesmo sendo a mais sincera.

A preocupação sobre o depois transforma  
o hoje numa extensa linha sem nexo,  
que termina sempre onde nenhum sonho se entrelaça...

# *o mundo pós pandemia*

"Viva! A pandemia passou,  
Vamos celebrar a vida.  
Viva! O novo mundo pós pandemia".

Eu vi Um mundo Melhor,  
Após passar o que passou;  
Eu vi pessoas se encontrando,  
Abraçando-se com fervor.  
Eu vi pessoas se amando  
E dando as coisas mais valor.  
Eu nos vi andando com a alegria,  
Em um mundo bem melhor.  
Eu vi muitas coisas boas,  
Porém, só as vi na minha cabeça;  
Sabemos bem como são as pessoas,  
Basta uma semana para que esqueça.

Viva! A pandemia passou,  
Vamos celebrar a vida.  
Viva! Um novo mundo pós pandemia.  
Viva! A quarentena passou.  
Por que eu vibraria,  
Se quase nada mudou?  
Viva! O vírus já passou.  
Porque Eu celebraria,  
Se o vírus maior ficou?

# planeta pós pandêmico

Planeta pós pandêmico:  
Prudentes protocolos profiláticos  
perpetuados publicados  
promovidos preconizados  
praticados  
Presente ponderação parcimônia  
precaução  
Preocupações perenes  
Perigo pressentido  
Profissionais peritos  
Produtos para proteção pessoal  
Provisão  
Porém população pobre paralisada  
preterida prejudicada  
Periferias premidas  
Promessas políticas pulhas  
perversas  
Projetos perniciosos putrefatos  
Patifaria perfídia petulância  
Passividade perplexidade  
Prostração procrastinação  
Preces postulados  
Preito póstumo

Pífios progressos

Pregressos preconceitos

Perdição?

Princípio do precipício?

# pandevida

Todos curados!  
Voltem ao trabalho!

Trem lotado!  
Tudo apertado!

Marmita fria!  
Correria!

Lixo de montão!  
Sintam a poluição!

Homens armados!  
Amores assassinados!

Shoppings da diversão!  
População sem alimentação!

Animais esfolados!  
Vivos, devorados!

Seres abandonados!  
Corruptos ovacionados!

Ricos abastados!  
Pobres desempregados!

Estudantes desesperançados!  
Professores desamparados!

Doentes jogados!  
Ingressos esgotados!

Raças louvadas!  
Outras execradas!

Ufa! Aprendemos com a pandemia!  
Vida pós-pandemia resolvida!



# vida pós pandemia

A noite findou  
O dia surgiu  
O medo acalmou  
A pandemia sumiu

As portas se abriram  
A liberdade voltou  
As pessoas sorriram  
O mundo mudou

Já posso visitar  
Meus entes queridos  
Abraçar e tocar  
Não há mais perigo

Fui comprar para levar  
No restaurante da esquina  
Já não sei onde está  
Fechou Dona Ermina

Quis cortar o cabelo  
Na barbearia da rua  
Encontrei outra loja  
No lugar que era sua

Quem tem emprego  
Pode sair para trabalhar

Se ficou sem trabalho  
Vai ter que buscar

De todo o ocorrido  
Jamais esquecerei  
A memória dos caídos  
Para sempre lembrarei

Raios de sol de repente  
No céu azul infinito  
Germinam sementes  
O futuro vem vindo

# *a noite das máscaras rubras*

as fogueiras  
das máscaras de pano  
libertam todos

## quaresmeira do bom viver

Bom viver graças ao calor do novo sol  
— demora dilatada ao infinito, ao cabo da quaresma,  
frondou a copa ao arrebol da graça que grito: enflorou!

Embor'alma parecesse pequena,  
a incertitude imensa, acachapante  
fez-se enorme, descomunal revoada,  
lavou estações de roldão como cem anos se comprimindo na soli-  
dão  
dum alongado domingo

dimensiono infindo, nonada não!

Fim do pandemônio da pandemia,  
empatia, semente que sou, pertença ao todo

Ó, colosso de revelação, faz brotar como antes engaiolado um  
rio, antes represado um pássaro:  
tenho galhos das asas conectados à mesma copada rede humana

Consumado insulamento está, a quaresmeira bate  
asas, floresce!

Juntas, juntos, mãos valerosas, dadas, cientes que somos galho do  
mesmo tronco ao que tudo pertence e vamos da lei do exílio nos  
libertando...

abrir à nova vida nossas margens, asas, braços de  
rio, revoar

que é bom viver ao desabrochar da quaresmeira!

# depois do depois

Quando tudo isso passar  
e a rua viver de novo,  
talvez eu nem queira o povo,  
apenas olhar pro mar...

Vou encontrar meus iguais,  
festejar até bem tarde  
ou ficar só, por vontade.  
Por ordem não, já não mais.

Mas não será outro mundo  
quando isso tudo acabar,  
só o veremos profundo:

Triste, caído do altar.  
Não mudar vai mudar tudo  
se é que isso vai acabar.

## o retorno

A vida continua

As pernas caminham para a rua

Vazia de vozes

Cravejada de esperança

Em meio à lembrança

De como foi tudo um dia

As mãos pedem mais álcool

Continuam arredias

Juntas dizem adeus à pandemia

Há enfrentamento sem justiça

O amor escora-se na malícia

E mora na melancolia

## viver [...] lutar

Barulho lá fora!? É gente falando!?  
Saindo na rua; os vizinhos conversando  
Saudade disso. Ver gente, sorrir e falar  
Com certa distância, como é bom conversar

Voltando a rotina, com um novo “normal”  
Proteção e cuidado agora e sempre tomar  
Antes diferentes, agora todos iguais  
Numa mesma luta, ajudando quem precisar

Não há nuvem cinza pra nos abalar  
Com fé e força, pela vida vou lutar  
Pelo cheiro da chuva e pelo sol a brilhar  
Pela alegria de viver e nunca mais se isolar

Agora é viver o que deixamos guardados, confinados, isolados  
Viver o agora  
Viver o hoje  
Viver com alegria  
Viver com intensidade  
Viver com orgulho  
Viver com vontade  
Viver com saúde



Viver em meio as cores  
Viver com respeito  
Viver a diversidade  
Viver sonhando  
Viver realizando  
Viver por você  
Viver com fé  
Viver, pois é seu direito  
Viver plenamente  
Viva!

# a flor do capital

Vida pequena, invisível, poderosa,  
Donde vem? Quem é o Criador?  
Por qual razão se dá a sua criação?  
Tantas interrogações sem precisão!

A resposta ressoa tão visivelmente!  
Acenando! Expondo-se! Mostrando-se!  
Por que insistimos em não vê-la?  
Criamo-la! Fizemo-la de MUSA grega!

Quantas vidas derramadas em vão!  
Rosa inodora! Sangrenta! Batizamo-la  
de Hiroshima, de Corona apelidou.  
A musa grega veemente idolatrada,

Mostra uma vez mais a ingratidão.  
Envia os pulgões, conflitando-nos,  
Fazendo-nos de animais vorazes,  
Incitando-nos sangrar a Iluminação.

## [sem título]

Ouçõ minha mãe cantarolando desafinada na cozinha,  
ela cantaria menos caso soubesse que é desafinada,  
mas é preciso também achar beleza nos desafinos.  
Nessa fantasia apocalíptica toda que temos vivido enquanto hu-  
manidade vejo que há dois cenários possíveis,  
ou tentamos apagar o incêndio da casa com um extintor de den-  
tro dela,  
ou salvamos a maior parte possível de pessoas e assumimos  
nosso fracasso.  
Mas enquanto não fazemos o luto de tudo aquilo que fomos até  
hoje,  
sigo ouvindo a voz semitonada da minha mãe  
costurando na mesa vociferando amazing grace.  
O amor é todo desafinado.  
Talvez seja o desafino que nos salve da melancolia,  
fazer daquilo que nos dilacera algo poético,  
ser o dilaceramento  
entristecer até fazer o azul aparecer no negro  
desvanecer até perdermos o medo da morte  
fazer da dor um acontecimento criativo  
— distraídos venceremos?  
— perhappiness.

## a pandemia e o amor

Foi necessário um medo global para aproximar as famílias.  
Quem diria, o que fez aproximar foi uma pandemia.  
Hoje sabemos que temos filhos e mães,  
Pais e netos, e agora com esse decreto...  
Os que estão dentro não podem sair,  
Terão bastante tempo para refletir:  
Porque nascemos e crescemos,  
E afinal porque morremos?  
Não fiquemos loucos com o isolamento,  
Que aproveitemos todo momento,  
Para amar e nos ajudar.  
E quando a tempestade passar,  
Que esse sentimento não possa acabar.  
E que a única coisa que esfrie seja o vento lá fora.  
Não mais os nossos corações a cada hora.  
Que passe logo essa epidemia que nos mata,  
E logo possamos matar a saudade que nos esmaga.  
E que fique registrado:  
Para curar qualquer sofrimento ou dor,  
Muitas doses do melhor remédio,  
O amor.

# covid-99

Há um monstro solto lá fora  
invisível e suspenso no ar  
que assalta o oxigênio  
que assedia as trancas do lar

Bombardeios seguem há horas  
flutuando sobre as cabeças  
cadentes bombas atônitas  
cuspidas a todo lugar

A cidade segue cercada  
o predador rastreia suas presas  
snipers a postos pro tiro  
minam vulneráveis defesas

Trama em sigilo os destinos  
sem pátria fé ou casta social  
o inofensivo amigo ao teu lado

mutante ameaça viral

Tropas em heroicas batalhas  
sem tanques ou artilharia  
no uniforme cores do sangue e da paz  
perante lágrimas da alegria

Sob um teto a ausência de chão  
confinados em cativeiro  
nas janelas engasga-se o grito  
cantos risos e desespero

Existirá um tempo de resistência  
tempo para se esconder  
existirá um tempo de reticências  
tempo para deixar de viver

E um tempo de abrir as portas  
emperradas do coração  
de derrubar muros hasteados  
despido de máscaras  
da cegueira e da iniquidade

e julgando-nos mais vivos  
um dia sermos absolvidos

## quase gênese

Hoje trago nas mãos fragmentos do passado,  
Enquanto partículas de futuro  
Giram em volta do vazio que é o meu presente.

Vivo a ruptura crucial da humanidade  
Que há tempos caminha desnorreada  
Espremida num busca contínua  
De tudo o que guarda secretamente na alma.

Em micagens as linhas na palma da mão  
Iludem as ciganas, emudecem os tarôs.  
As avessas reconheço-me no novo.

Depois de atravessar o temporal  
Haverá uma humanidade em construção  
Do barro alicerce do antes, pouco restará  
Depois de sacrificar todo o mal  
A vida há de brotar em cada gesto/flor.



Em micagens o tempo segreda  
Gota por gota cada instante  
Bem me quer, mal me quer. Quer?

E eu que aprendi com a dor  
Carregarei nas mão a semente que brotará  
No campo aberto, depois do magico portal  
Enquanto isso partículas de passado  
Manter-se-á viva na memória do meu presente.

# o cântico da peste

depois de espaçosos anos  
de confinamento,  
é possível orçar os danos:  
muitos mortos, flagelos e sofrimento

a era da pós-pandemia assim empeça,  
todos atordoados.  
ao fundo de tudo, um som, gritos de promessa  
de dias vindouros e abençoados

no entanto, são plácitos de engravatados  
políticos, economistas, classe alta.  
os povos ainda estão rescaldados  
de uma esperança que ainda falta

a natureza está mais límpida,  
mas a ciência bastante encardida.  
desacreditaram da única saída

que hoje triste se cala insípida

a educação e a saúde estão desvalidas,  
espargindo em todas as fronteiras.  
as línguas mães parecem esquecidas,  
ninguém se reconhece frente às bandeiras

o ser humano agora percebe  
que é um animal subjugado,  
se diz evolvido, mas sequer consegue  
zelar de quem está ao seu lado

# terra arrasada

As mãos dadas é uma opção que parece não aceita  
Uma saída com sabor de arrependimento  
Uma mancha no rosto da civilização  
O jargão do meu avô eram esses:  
Uma terra arrasada, seca e sem ar  
Com novas coroas ganhando novas cabeças  
A luz não teve seu fim, só continua tênue  
Na verdade toda paisagem muda a cada olhar  
Cada minuto é diferente do outro  
E cada estrada é caminhada de formas diferentes  
Ter fé é um ato de resistência  
Sonhar é um ato de resistência  
Viver é resistir  
Pior ainda quando as mãos estão sujas  
Pior quando a terra tá arrasada  
Mas não foi o fim que chegou  
Foi só um capítulo

# adeus mascaras

Retirei minha máscara  
As outras pessoas também  
Ninguém mais as usa  
Não sou obrigado a ser alguém

Podemos ser nós mesmos  
Assumir nossa identidade  
Cabelo, gênero, gostos  
Raça, credo, sexualidade

Ninguém julga o outro  
Todos já entenderam  
Foi preciso uma dura lição  
Mas eles aprenderam

As máscaras são incômodas  
Elas não mudam as pessoas  
Escondem, camuflam, negam  
Aqueles más viram boas

Posso ser quem eu sou  
Sem olhares de censura  
Esse é um novo mundo  
Antes, só visto na literatura

# transvirtuação

Somos narrativas de um mundial relato  
Figurantes mascarados em parcial hiato

Tecendo expectativas, esperando salvação  
Os inimigos, camuflados, demandam evolução

O humano, ser de sorte, dotado de sobrevida  
Avança o novo tempo, novo ponto de partida

A mudança sopra forte e somos nós pensantes  
Seguimos o exemplo das espécies mutantes

Os bytes, os átomos, circulam nossos perfis  
Não deixemos virtudes serem virtuais hostis

Novos avatares de velhos semblantes  
Mesmo diferentes, ainda semelhantes

# o mundo pós-pandemia

De repente um Abril despedaçado, desmonta minha cabeça em  
mil pedaços.

Meus pensamentos fragmentados, é difícil juntar os pedaços.

Meus pensamentos estão isentos

Me conforta a ideia de que vai ficar tudo bem.

Na verdade, faço desta minha crença, meu mantra.

A terra em transe, e eu tô com fome

Fome de ar, fome de vida, fome de gente, fome da gente!

# necessidades

Esperança do amanhã cercada pelo promissor futuro nos afasta  
dos abraços, dos afetos.

A nossa inédita existência dobrada sob si,  
me cerca de vidas cotidianas virtuais e vividas mascaradamente

Retocadas de álcool em gel.

Foram dias com a mais verdadeira incerteza do amanhã,  
Preludio de vidas individualizadas pela ópera pandêmica.

Hoje com o céu translucido em cosmos, ar respirante

Sem emprego

Sem segurança alimentar

Sem afeto,

Vulneravelmente em tesão pela potencia da vida e o retorno ao  
fatídico cotidiano de um ano em que o calendário registrou ou-

tros mês nas agendas engavetadas com o codinome

vinte vinte.



## [sem título]

após a pandemia, meu amor  
eu vou te conhecer melhor  
o maior perigo eu já tenho  
o querer: o frágil sabor do talvez

sim, eu tenho os olhos fechados  
no futuro eu tenho os olhos fechados  
sim, eu olho para dentro  
sim, eu olho para frente  
no futuro todos nós fecharemos  
no fundo todos tememos  
olho mágico, eu reviro,  
meus olhinhos brilham e doem  
eu te espero -  
o corpo em queda, o corpo em transe  
elétricos, num terremoto, trancafiados

ouça: o mundo inteiro está ferido, não me cure  
eu só quero um abraço que suporte  
meu tremor, e chorar

o mundo está perdendo, estamos aqui  
quebrando e juntando pedaços  
trabalhando com risco – enlutados  
contagiosos, nossos corpos são

sobrepostos, enlatados  
esquecer o passado? covas novas.  
a bala perdida não te atinge?  
agora todos sabem que somos um todo

sonhando, navegando, tirando de onde?  
sangrando, escrevendo até o fim  
quando tudo isso acabar eu não vou voltar  
o normal é ruim e eu quero ser boa  
nos tempos difíceis, eu sei quem  
venha comigo ou não - mas saiba também

# quarentena

A noite ofertou-me os braços,  
Para ser-me um abrigo seguro.  
Furtou-me a ilusão do futuro,  
E fez dos meus sonhos pedaços.

Envolto pelo calor do cansaço,  
O tédio se enamora do escuro.  
Enfada o sentimento, auguro,  
O dia, para renovar o espaço.

Chega o sono, sem fazer alarde,  
E torna-se-me, um abrigo seguro.  
A noite avança, o cansaço arde,

Durmo querendo abraçar o futuro.  
O dia desponta, e me diz que é tarde,  
E torna o presente, o lugar seguro.

## pare e pense!

Agora eu lhes pergunto,  
Do que adianta tudo isso?  
A correria desbravada  
A busca pelo pódio  
A ganância descontrola.

Do que adianta  
Querer ser melhor do que todos  
Se no final somos todos iguais  
Carnes do mesmo osso.

Do que adianta?  
Somos tão tolos, totalmente falhos  
Pensamos ser algo mas no fundo não somos nada  
Somos passageiros e aprendizes dos nossos próprios erros.

Por isso, pare e pense por um momento  
Que logo, logo tudo isso acaba,  
Mas sejamos diferentes  
Livres para sermos melhores  
Como nunca fomos.



Realização



Apoio

